

ARTIGO



Victor Salviati*

Há duas semanas, o presidente Lula discursou na abertura da 79ª Assembleia Geral da ONU (Organização das Nações Unidas). O Brasil é o primeiro país a discursar, desde 1955, abrindo os trabalhos da Assembleia Geral. Isto se deve ao incrível e histórico trabalho que o corpo diplomático brasileiro tem feito na ONU e suas instâncias. A Assembleia da ONU reúne os 193 países para discutir temas de interesse e urgências globais. No último dia 23 de setembro, Lula abriu os trabalhos da Assembleia que tem uma missão muito importante: fortalecer a governança global para endereçar desafios humanitários nas áreas de clima, conflitos e guerras, aplicações da inteligência artificial e o cumprimento do Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS).

Durante uma semana, os chefes de Estados das 193 nações consolidaram o Pacto para o Futuro –documento que pretende apontar novos caminhos e consensos para desafios globais. Este Pacto tem 56 ações e compromissos globais para melhorar nossa vida e bem-viver no planeta.

Em seu discurso, Lula deu o tom trazendo os temas de

*superintendente de Inovação e Desenvolvimento Institucional da Fundação Amazônia Sustentável e lidera as áreas de políticas públicas em clima e conservação, e comunicação institucional.

Reforma global para um planeta melhor: a Assembleia Geral da ONU

emergência climática, por conta do aquecimento global, esforços do G-20 na criação de uma aliança para combater a fome, e a reforma da governança global para aumentar a velocidade nas decisões –principalmente para assuntos dinâmicos como o uso da inteligência artificial, conflitos e clima.

Essas discussões globais, apesar da demora em chegar nos territórios, são muito importantes para facilitar parcerias, intensificar e promover políticas públicas, além de melhorar a vida no planeta.

Para a Amazônia brasileira, a Assembleia da ONU e o Pacto para o Futuro apontam três caminhos importantes: financiamento, erradicação da pobreza, e combate à mudança do clima.

Das 56 ações previstas no Pacto, mais de 20 são relacionadas diretamente com a facilitação e velocidade do financiamento para atingir os ODS nos países em desenvolvimento. Na última avaliação oficial da ONU, ficou evidente que estamos bem longe do cumprimento dos 17 objetivos e das 169 metas acordadas em 2015.

A erradicação à pobreza é parte central do Pacto, que enfatiza sua importância já co-

locada nos ODS. O slogan da ONU de “não deixar ninguém para trás” aponta a importância na equidade de condições e combate às injustiças econômicas, sociais, climáticas e estruturais que mais de 3,5 bilhões de pessoas sofrem hoje. O Pacto apresenta estruturas e medidas globais para aumentar a eficácia da erradicação das pobreza: aumento dos investimentos diretos e ampliação do conceito de pobreza para acesso a serviços (por exemplo: saúde e educação), equidade e expectativa de vida.

As mudanças do clima, pelo que estamos sentindo aqui no Amazonas e vendo em Portugal, China, e no Ártico, é tema central para todos nós. O Pacto enfatiza a importância das ações e estratégias de adaptação, relembra o compromisso dos US\$ 100 bilhões por ano dos países ricos, e fortalece as diretrizes para proteção, conservação e restauração de ecossistemas. A ONU aponta a aceleração das arquiteturas globais de financiamento climático para que os recursos cheguem a tempo para a reversão e adaptação climática, para proteger vidas humanas e os serviços ambientais das florestas.

O Pacto, por fim, apresenta

12 compromissos e 8 ações, destacando-se: acelerar ações de combate às mudanças do clima, dentro do conceito de justiça climática; reconhecer e respeitar os direitos de povos indígenas e originários, seus territórios e suas tradições; contribuir e investir no desenvolvimento científico para implementar os ODS; aumentar a cooperação entre sociedade civil, empresas e governos para os ODS; e investir na formação de capacidades para responder aos desafios e emergências globais.

Por mais que isso pareça insuficiente ou pouco efetivo, o regime de multilateralismo na democracia global apresenta soluções distantes da nossa rotina de seca, violências, desigualdades e guerras. Entretanto, sem este esteio diplomático, o mundo fica ainda mais longe de atingir os ODS, melhorar a nossa relação com o planeta e entre nós mesmos.

O que temos que ter em mente é que essas discussões e esforços não são para salvar o planeta. A Terra já passou por desafios muito piores e mais intensos. Nosso desafio é salvar nossos modos de vida e bem-viver da humanidade. E se somos parte do problema, somos parte de solução!

ARTIGO



Thomaz Meirelles*

Não vão perguntar o destino desse novo R\$ 1,3 bilhão?

O Fundo Amazônia nasceu no governo do PT, com a Marina Silva. Recebemos bilhões que de nada adiantou para a população que vem e vai continuar preservando a floresta em pé para a saúde do mundo, do planeta. Quem derruba, quem desmata, como afirmou o ex-superintendente da PF no Amazonas, delegado Alexandre Saraiva, autor do livro “Selva”, é organização criminosa de grande poder e influência no Brasil. Talvez esses bilhões tenham servido para pagar salário de diretorias de ONGs ambientalistas, atores, cantores, militância partidária, viagens e encontros diversos (grupos de trabalho, seminários, congressos, encontro de lideranças e por aí vai). Foi dito que usaram para pagar “assistência técnica” no Amazonas, mas até agora não conhecemos um CPF sequer do profissional (engenheiros de pesca, florestal e agrônomo) que fez essa “assistência técnica”. Continuo aguardando o andamento dos trabalhos da CPI das ONGs. Combater o desmatamento, queimadas, que era o objetivo dessa injeção de recursos internacionais, também nada adiantou. Estamos vendo que são crescentes em todos os governos. O motivo? A resposta é simples! Como já disse anteriormente, a expressiva maioria dos ilícitos são feitos por organizações criminosas de grande poder e influência. Sem estancar essas “organizações criminosas”, que lamentavelmente empregam no Amazonas, é problema sem solução. O presidente Bolsonaro fechou corretamente essa torneira do Fundo Amazônia, pois foram bilhões desperdiçados. Nós é que devemos definir o que fazer com os recursos, nunca os países poluidores que não têm nada a nos ensinar nesse quesito. Contudo, o Fundo Ama-

zônia voltou novamente no atual governo do PT, no Lula (3). O Brasil já recebeu R\$ 640 milhões, e mais R\$ 700 milhões estão chegando desses países que esquentaram o planeta (Estados Unidos, Europa, China, Índia etc). Importante ressaltar que essa grana, esse dinheiro, esse recurso financeiro é pouco, não é favor, é obrigação, pois eles poluíram e esquentaram o planeta, e nós somos a solução. Mas, que solução é essa que mantém nosso povo isolado, com fome e doente. Sem dignidade! Com todo esse dinheiro indo parar nas mãos de ONGs fica fácil concluir o poder que “elas” tem de silenciar “muita coisa”, menos o meu BLOG, pois durante uma década, ainda na ativa, atendi tudo e todas da melhor forma possível, cheguei até ser convidado para trabalhar numa delas (guardo o convite comigo) quando me aposentei, mas vi, na maioria “delas”, que o SER HUMANO estava em último plano. Cansei! Nosso povo não pode mais ser usado para captar recursos e manter privilégios de poucos. Fico impressionado com a Assembleia Legislativa do Amazonas, em especial das Comissões de Meio Ambiente, Desenvolvimento Rural e de Economia em silenciar para tantos milhões. Vocês têm que intervir, mandar apurar o que foi feito no passado, e dizer o que deve ser feito daqui pra frente. Lembrando do ZEE, poço artesiano, energia solar, internet, celular, semente, muda e assistência técnica (virtual e presencial) + usando as tecnologias sustentáveis da Embrapa + 21 projetos prioritários do Idam/Sepror + fortalecer quem faz Ater, como Idam, Senar e todas as demais. Esse o caminho que fortalece a segurança alimentar, nossa soberania e as atividades ligadas ao comércio, serviços e indústria.

*é servidor público federal, administrador, especialização na gestão da informação ao agronegócio – thomaz.meirelles@hotmail.com

ARTIGO



Augusto Rocha*

China: o chão de fábrica do mundo

Peter S. Goodman, em seu livro “Como o mundo ficou sem tudo” (“How the world ran out everything”, ainda sem tradução, publicado este ano, com uma detida análise sobre as cadeias de suprimento globais) relata como a China se tornou uma espécie de chão de fábrica do mundo. Seu texto é revelador ao analisar a construção dos fluxos globais de capital, de produção e de logística, entre o Ocidente e a Ásia, a partir da perspectiva histórica e prática dos fluxos de valor, com detida investigação histórica e contemporânea em cada elo desta complexa estrutura até os mercados, a partir do que aconteceu durante a pandemia.

Quando se traça um paralelo com as antigas e novas rotas da seda, analisadas por Peter Frankopan, fica evidente uma construção de longo prazo da China em relação aos fluxos de produtos e de geopolítica. O entendimento destas dimensões ganha uma relevância em qualquer dos mercados em que

exista competição ou relação com a China. Não podemos ficar desatentos para estes movimentos globais. Na construção de valor com o pouco capital que juntamos como sociedade, podemos fazer a transição para o serviço ou seremos “rebaixados” para a agricultura. Neste contexto, o Brasil não pode renunciar à sua indústria.

O melhor é que mantenhemos a nossa competitividade mineral e agrícola, somando e ampliando a indústria de transformação, assumindo um papel nos serviços, que ainda está timidamente posicionado, com idas e vindas, em especial no setor da construção civil. Em um ambiente nacional, onde ressurge o interesse pela indústria, com uma nova política industrial, é importante robustecer as ações do setor industrial, afinal “não é só uma blusinha”. Precisamos despertar e enfrentar a invasão das mega plataformas tecnológicas que fazem sua atuação sem tributos, usando pequenos vácuos

legais, lobbys, dumping e subfaturamento.

A indústria nacional e as instituições que lidam com sua competitividade precisam começar a se inspirar nas ações que tiraram mais de 400 milhões de chineses da pobreza para fazer o mesmo por aqui. Os EUA, desde o governo Clinton, quando acomodou a China na Organização Mundial do Comércio, moveu para lá grande parte das fontes de fornecimento de seu comércio. Por exemplo, o Wall Mart, com seu banco de dados de fornecedores com mais de seis mil fábricas, tinha, em 2003, cerca de 80% delas na China.

Segundo Peter Goodman a loucura desta concentração foi revelada na pandemia. Por aqui, começamos agora, timidamente, a despertar desta condição, com a invasão das plataformas digitais em todos os setores, ao ver nosso varejo de eletrônicos, livros e roupas sucumbirem à pressão digital das plataformas estrangeiras,

que possuem tipicamente nomes norte-americanos, como Amazon, Google, Microsoft, Netflix ou Spotify, seguida mais recentemente das plataformas chinesas, como o AliExpress, Shein ou TikTok.

Devemos reconsiderar a produção de soja sem impostos, que, por exemplo, alimentarão porcos chineses, que, por sua vez, servirão de alimento para os trabalhadores que farão roupas para nos exportarem sem impostos de importação? Ou encontraremos um jeito de entrar no jogo global ganhando algo? O posicionamento brasileiro de proteção e expansão da indústria nacional, com uma competitividade justa, com impostos semelhantes e não com o subsídio continuado para os estrangeiros é a saída. Contudo, precisamos despertar que não é só uma blusinha ou um telefoninho: por trás de cada transação, há empregos, impostos, cadeias de suprimento e de lucro muito bem estruturadas.

*é doutor em Engenharia de Transportes

ARTIGO



Flávio Guimarães*

O grande desafio de exercitar nossa mente positivamente. Persistência sempre

Exercitar a mente deve ser uma preocupação constante para pessoas e profissionais. Este exercício auxilia na busca do equilíbrio necessário para as grandes tomadas de decisões e desafios. O intelecto dominado pela emoção, o descaso e o individualismo é o que mais estamos vendo em momentos de dificuldades em nosso cotidiano. Falta o conhecimento profundo e técnico de nossas capacidades e a visão do coletivo. Falta a mente equilibrada, a visão global dos problemas e das oportunidades e a sábia utilização de nossos neurônios. A nossa

mente possui poder bem acima do que imaginamos, por isso torna-se necessário se conhecer cada dia mais. Pois o nosso maior concorrente somos nós mesmos

Uma pessoa equilibrada é resposta de uma mente equilibrada. Não podemos esperar de um intelecto dominado pelas emoções, descaso e individualidade respostas satisfatórias para resolver qualquer problema desde os mais simples até os mais complexos. O exercício da mente nos proporciona um autoconhecimento profundo criando condições para a utilização da razão e

do coletivo nos momentos certos para tal ato. Não podemos confundir os momentos sob pena de caminhar para os extremos de sermos ou totalmente razão ou totalmente emoção. O equilíbrio é preciso. A dificuldade é sabermos os momentos certos da utilização de um ou de outro.

A falta de visão global causa transtornos tanto na vida pessoal quanto na profissional. Mais uma vez o exercício da mente demonstra que podemos realizar as mais difíceis tarefas, mas, precisamos estar aptos a realizar grandes projetos a fim de fazermos a

diferença em nosso meio. Não podemos banalizar a realidade sob pena de “colhermos frutos estragados” a curto e médio prazo e assim vivermos administrando contingências desnecessárias.

Conforme o psicólogo e psicanalista Luiz Carlos Thomas, “a mente humana possui o consciente e o subconsciente. Sendo que o primeiro decide e escolhe e o segundo processa e faz acontecer não selecionando o pensamento”. Assim, precisamos usar o consciente para atingirmos nossos objetivos e metas e devemos trabalhar nosso subconsciente criando

apenas pensamentos bons e positivos.

Conforme Banshchikov (neurologista soviético) “o ser humano utiliza apenas 4% dos 14.000.000.000 (quatorze bilhões) de neurônios de que é composto o nosso cérebro”. Agora imaginemos se conseguirmos utilizar 8%. Sem sombra de dúvida isto pode até ocorrer desde que o exercício da mente seja uma constante em nossa vida. Podemos optar em ser feliz ou infeliz e isto poderá ocorrer a partir do momento de sabermos utilizar nossa mente com pensamentos bons e positivos. Lauro Trevisam com sua sabedoria e conhecimento destaca: “lembre-se que sua mente é a insubstituível farmácia do corpo”.

Certamente, com a conscientização de que exercitar a mente poderá resolver nossos

pequenos e grandes problemas poderemos ver o que hoje dizemos ser impossível de realizar transformar-se em algo possível, alcançável e atingível. Trabalhando de modo saudável e positivo nosso subconsciente e pensando em coisas boas e positivas, poderemos equilibrar nossa mente, não veremos o intelecto dominado pela emoção, descaso e individualismo e teremos o caminho certo para o autoconhecimento, não trataremos nada como banalidade e teremos a visão global necessária para todo o sistema funcionar. Tudo é e sempre será uma questão de opção, porém, neste caso para optar precisamos usar a parte consciente da mente, amar o ser humano e nunca esquecer de continuar plantando pensamentos e coisas boas e positivas na parte do subconsciente. Vamos refletir sobre isto?

*é mestre pela UFPA, diretor de educação da ABRH e coordenador dos cursos tecnológicos e da pós-graduação da Faculdade Estácio do Amazonas